



Tema:
"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

GENTILMENTE.

Autor(es)

AMANDA VON DOELINGER

Contos / Crônicas

Houve um súbito e suspeito movimento na entrada de meus aposentos.

As janelas encontravam-se fechadas e, mesmo que o cortante e frio clima ainda penetrasse no quarto, a luz do sol já se fora há muito. A escuridão era quase palpável. De modo que não pude ver quem era meu visitante, embora julgasse ser meu pai ou qualquer um dos criados, a fim de ver se eu estava melhor.

Cerrei os olhos na escuridão tentando adaptar-me à falta de luz. O que se tornou uma atitude desnecessária, pois minha visita segurava um lampião.

O medo em sua expressão era tão cômico que se eu não tivesse meu corpo todo dolorido, teria rido até me doer a barriga.

Mesmo temendo, sua presença era um alívio.

Ela hesitou na porta do quarto, olhando meu estado lamentável. Enquanto ela fazia isso, permiti a mim mesmo fitar longamente seu rosto radioso.

Seus lentos passos davam a impressão de que ela sairia correndo a qualquer instante. Quando chegou perto o suficiente de minha cama, deu um pequeno suspiro.

— Eu não deveria estar aqui... — murmurou.

— No entanto, está. — respondi revelando uma voz cansada e rouca. Pigarreei.

Seus olhos finalmente fitaram meu rosto, mas ela nada disse.

— Não há nada de errado nisso — anunciei ante seu visível desconforto. — Veio prestar suas condolências por minha queda do cavalo de ontem. É minha noiva, não é? Não há mal algum em vim ver-me em meus aposentos.

— Não na calada da noite, senhor Henrique. — rebateu com a voz fraca.

— Oh, Deus, não me chame assim!

Alguma coisa brilhou em seus olhos. Estavam sempre brilhantes, de fato. Mas desta vez foi diferente. O medo havia desaparecido e a garota parecia prestes a chorar. A visão me doeu o âmago, mas tentei passar-me de indiferente.

— Estou voltando — disse.

— Para seu quarto?

— Para Campos.

A revelação me deixou tão desnorreado que tentei levantar-me da cama em um movimento brusco que doeu meus ossos. Soltei um guincho de dor e Luna deu um passo para trás, alarmada.

O ar me faltava.

— Não pode ir! — arfei — Você não pode ir!

— Por que não? — desafiou-me. Sua voz parecia-me um tanto suplicante.

Tentei manter-me firme.

— Porque você é minha noiva. Nossos pais estão planejando esse casamento desde o ano passado. E você não pode simplesmente se enterrar em Minas Gerais e desmanchar tudo o que eles fizeram, todo o trabalho duro que tiveram...!

— Quero ir para casa — sussurrou. Sua calma me enfurecia.

— Não dou a mínima para isso! — rebati.

Luna olhou-me intensamente. Não parecia acreditar no papel que eu estava tentando desempenhar com tanto esforço.

— Às vezes tento não vê-lo como um garotinho mimado. Juro que tento. Mas você faz tanta questão de me passar exatamente esta visão! Estou lhe dizendo que voltarei para minha terra natal, que estou deixando o Rio de Janeiro, que estou lhe deixando, e para tentar impedir-me, joga-me na cara o trabalho que nossos pais tiveram? É só o que lhe importa? Não há nenhum outro argumento que tenha para fazer-me ficar?

Menina teimosa! Por favor, não me deixe sozinho.

Era exatamente isso que ela queria que eu falasse. Queria que eu abrisse meu coração a ela, assim como ela havia feito a mim. Apesar disso, recusei-me a dar voz a meus pensamentos. Eu não lhe daria o prazer de saber que me tinha nas mãos, que eu faria tudo para que ela ficasse.

Ainda assim, eu precisava dizer alguma coisa. Talvez algo menos intenso...

— Você... — desviei os olhos, aborrecido por estar corando - Você seria uma esposa muito satisfatória. — consegui concluir.

— Satisfatória? — A voz dela tremeu de tal modo que nem precisei olhar seu rosto para saber que lágrimas o banhavam - Espera que eu me case com você apenas por dizer que acha que eu seria uma esposa satisfatória? Porque lhe é conveniente? Porque é o que todos esperam, não porque me ama?

Senti meu rosto arder. Usara o adjetivo errado. Precisava me redimir.

— Não a acho apenas satisfatória, Luna. Você é... Uma mulher corajosa e inteligente. Não me leve a mal... Eu... Eu — te amo? — acabei de cair de um cavalo, pelo amor de Deus! Não me parece muito gentil que suas palavras a mim neste momento seja uma ameaça de possível abandono!

Pensei que ela fosse me dar um tabefe quando se sentou na beirada da cama. Já havia levado vários tapas de mulheres, mas não havia encontrado o amor em nenhuma delas. Será que ele me repeliria ou me deixaria querendo-a ainda mais?

Não cheguei a descobrir. Observei a jovem mulher dar outro pequeno suspiro e depois olhar-me o rosto.

— Tem razão — sussurrou. — Não deveria estar lhe incomodando com isso.

Não sei dizer o que diabos me deu naquele momento, mas quando ela começou a levantar para ir embora, segurei-a pelo pulso firmemente.

— Espere. — murmurei.

Ela olhou para meus dedos ao redor de sua pele e depois, espantada, para mim.

Eu nunca a havia tocado. Sua pele era alva e suave. Provocou sensações torturantes em mim.

Ela ainda me encarava e eu não sabia o que dizer.

— Eu... Eu... — eu deveria parar de gaguejar como um estúpido moleque de doze anos. — não quero que você vá embora. Sei que não a trato como você merece. Desculpe-me.

Algumas lágrimas ainda escorriam por seu rosto e ela deu um leve sorriso, abaixando a cabeça e balançando-a delicadamente para os lados, uma negativa.

— Satisfatória... —murmurou com um sorriso triste.

Eu não havia notado que ainda segurava seu pulso. Mas não queria soltá-lo nunca.

— Fique um pouco aqui comigo. — minha voz não soou como uma ordem.

— Perdão?

— Eu não desejo estar sozinho. — confessei. — Ainda sinto muita dor.

Graças aos Céus eu disse isso. Se eu soubesse que depois dessas palavras ela levaria suas mãos delicadas até meu rosto e o acariciaria, eu as teria dito

assim que a conheci. Suas mãos deslizavam por minha testa, minhas têmporas e desceram para minhas bochechas.

— Está febril — sussurrou. — Deus, está febril! E eu sendo tão indelicada..

— Não se preocupe com isso. — A sensação dela me tocando era tão hipnotizante, tão maravilhosa que nem me importei em manter minha máscara de indiferença. Só queria que ela ficasse ali. Só queria que ela me beijasse.

— Talvez seja melhor chamar uma criada. — pensou alto e começou a levantar da cama novamente.

— Não! — exclamei horrorizado quando ela parou de me tocar — Não, por favor.

Ela me fitou com os olhos arregalados.

— O que disse? — perguntou chocada.

Era mesmo uma surpresa eu pedir algo a ela com suavidade. Doeu-me ela ter ficado tão chocada, mas eu sabia que ela estava certa em sua reação. Eu nunca havia sido gentil, como ela merecia.

Luna era uma menina tão doce e compreensiva. Eu era a única pessoa que conseguia tirá-la do sério. Por que eu fazia isso?

Por que eu não conseguia dizer o que sentia? Seria tão simples...

— Eu... Eu — Deus todo poderoso, Henrique, fale logo de uma vez! — Eu quero ficar com você.

Bom, era melhor do que nada.

Ela hesitou ainda chocada demais. Depois olhou de relance para a porta e eu segurei um pouco mais forte seu pulso, temendo que ela corresse para longe de mim.

— O que seu pai iria pensar? — perguntou baixinho sem me encarar.

— Meu pai não se importaria. — só teria medo que eu viesse a machucar você, só isso.

Meu coração apertou-se com a sua hesitação. Seus olhos estavam confusos, mas por fim tornaram-se decididos.

— Bem. — Rendeu-se ela, acomodando-se melhor na cama – Não consigo me imaginar em outro lugar agora.